

O PORÃO DO NAVIO NEGREIRO COMO DIGÊNESE  
NOS ROMANCES UM DEFEITO DE COR E O CRIME  
DO CAIS DO VALONGO

THE HOLD OF THE SLAVE SHIP AS DIGENESIS IN  
NOVELS UM DEFEITO DE COR AND O CRIME DO CAIS  
DO VALONGO

Ella Ferreira Bispo

Doutoranda em Letras pelo Programa  
de Pós-Graduação em Letras da Uni-  
versidade Federal do Piauí

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho

Doutoranda em Letras no Programa de  
Pós-graduação em Letras da Universida-  
de Federal do Piauí

Alcione Corrêa Alves

Professora Associada I na Universidade  
Federal do Piauí

**Resumo:** Este artigo visa discutir algumas condições a uma identidade tributária das culturas compósitas nas Américas, a partir da leitura de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2009), e *O crime do cais do Valongo*, de Eliana Alves Cruz (2018). Organizamos nossos procedimentos de diálogo entre os romances mencionados tomando o navio negreiro como um *lugar-comum* (GLISSANT, 2005). Nossa argumentação parte da hipótese de que a expressão de uma enunciação desde o porão do navio negreiro nos romances em análise nos habilita a lê-los enquanto *digêneses* (GLISSANT; 2014, 1997).

**Palavras-chave:** literatura amefricana, Édouard Glissant, ensaios, diáspora, identidade cultural.

**Abstract:** This article aims to discuss some conditions for a tributary identity of composite cultures in the Americas, based on the reading of the *Um defeito de cor*, by Ana Maria Gonçalves (2009), and *O crime do cais do Valongo*, by Eliana Alves Cruz (2018). We organize our dialogue procedures between the mentioned novels taking the slave ship as a *common-place* (GLISSANT, 2005). Our argument is based on the hypothesis that the expression of na enunciation from the hold of the slave ship in the novels under analysis enables us to read them as *digenesis* (GLISSANT; 2014, 1997).

**Keywords:** amefrican<sup>1</sup> literature, Édouard Glissant, essays, diaspora, cultural identity.

---

<sup>1</sup> This term is a free translation of the adjective derived from the concept and political category *amefricanidade*, coined by Lélia Gonzalez, a Brazilian intellectual.

Le sel noir

à la mer

Pour le sel qu'elle signifie.

Encore une fois splendeur et amertume.

[...]

Édouard Glissant ([1960] 1983).

## 1 Introdução

No presente artigo<sup>2</sup> de leitura e interpretação dos romances *Um defeito de cor* (GONÇALVES, 2009) e *O crime do Cais do Valongo* (CRUZ, 2018a), nossa argumentação parte da hipótese de que a expressão de uma enunciação desde o porão do navio negreiro<sup>3</sup> apresentada nos romances em análise – e verificável, ainda, em um *corpus* mais amplo das literaturas produzidas por *sujeitas em-escrevivência*<sup>4</sup> – nos habilita a lê-los enquanto *digêneses* (GLISSANT; 2014, 1997). Defronte à Gênese consagrada pelas culturas atávicas, que tomam o Mito como horizonte, Glissant preconiza que

---

2 Estudo desenvolvido no âmbito do Projeto de Pesquisa e Extensão Teseu, o labirinto e seu nome, partindo-se, sobretudo, da dissertação *Processos de criouliização no romance Um defeito de cor: as condições de possibilidade a uma identidade cultural latino-americana* (BISPO, 2017).

3 Para circunscrever a noção de *expressão*, nos termos ora assinalados, se consulte: SOUZA (2018).

4 Tomando emprestado a expressão cunhada por Alcione Correa Alves (2017), em diálogo estabelecido com a escritora e ensaísta Conceição Evaristo.

“a Gênese das sociedades compósitas das Américas se funde a uma outra obscuridade, àquela do ventre do navio negreiro. Isto é o que eu chamo de uma digênese”<sup>5</sup> (1997, p. 36). Roland Walter (2011) evoca a imagem do sal apresentada no poema *Le sel noir* [Sal negro] de Glissant – cujos versos iniciais trazemos como epígrafe – para abordar a digênese tecida pelas literaturas *amefricanas*<sup>6</sup>. Ressaltando a dupla natureza do sal apresentada nos versos, Walter observa que

a ideia da purificação do sal – o surgimento da *grandiosidade* [*splendeur*] no húmus fértil do *rancor* [*amertume*] –, conota o sofrimento, a dor e a afirmação de vida que perpassa a literatura afro-diaspórica enquanto memória fundadora; memória esta que marca o fim que é o começo: o abismo das águas do Atlântico (WALTER, 2011, p. 3, grifos do autor).

O rancor<sup>7</sup>, na interpretação de Walter ao trecho da epígrafe, se apresenta em sua fertilidade para alimentar discursos futuros, construções futuras, devires futuros; ecos da raiva preconizada por Audre Lorde (2019), em seus usos visando à agência de sujeitas(os) negras(os), a raiva como húmus em distintas formulações do pensamento amefricano (em

5 Nossa tradução do original: *La Genèse des sociétés créoles des Amériques se fonde à une autre obscurité, celledu ventre du bateau négrier. C'est ce que j'appelle une digenèse.*

6 O qualitativo amefricanas, utilizado onde poderíamos ler afro-americanas e termos correlatos, promove um diálogo com o proposto por Lélia Gonzalez (2018) quanto à categoria político-cultural de *amefricanidade*, nos permitindo engendrar uma coletividade continental cuja abertura situa-se no Caribe.

7 Na epígrafe, *amertume*; na tradução de Nancy Morejón (GLISSANT, 2002), *amargura*.

Glissant; em Lorde; em Kanor, desde o título de seu romance *Humus*). Se, lançado à terra, o sal mata a fertilidade do solo, como pá de cal à manutenção do ciclo da vida; no mar, nas águas do Atlântico em sua condição de mar que difrata (GLISSANT, 2005)<sup>8</sup>, ali o sal se apresenta não como morte, mas como vida e, especificamente, como purificação da matéria da qual brotam nossas possibilidades de vidas futuras, de vidas possíveis – por isso, a *splendeur*, lida como *grandiosidade* por Walter. O mar não mata o húmus, antes o purificando, o habilitando a matéria que alimenta nossos devires<sup>9</sup>, alimento jazendo no fundo do mar de ontem que nutre, hoje, nossas(os) devires negras(os) de hoje<sup>10</sup>. Assinalamos uma compreensão

8 A alusão ao “mar que difrata” remete à distinção que Glissant estabelece em distintos textos, notadamente (a nós que o lemos, no Brasil) no primeiro capítulo de *Introdução a uma poética da Diversidade*: preparando o terreno a uma apresentação da criouliização, Glissant propõe uma distinção entre, de um lado, o Mediterrâneo, mar afeito à concepção de identidades atávicas, ao passo que o Mar do Caribe se apresenta propício (ou, desfrutando da epígrafe: mar cujo húmus propicia) a identidades compositas.

9 Considerando a trajetória acadêmica de articulistas, se mostra possível, em pesquisas posteriores, advogar o *húmus* como um lugar-comum, ou, em termos metodológicos, um *topos* à compreensão de literaturas africanas: o húmus no fundo do Atlântico, corpos(os) negras(os) desumanizadas(os) na morte ao fundo das águas, mortes de ontem que nutrem, hoje, nossos devires negros nas Américas. Além de sua propriedade como chave de leitura ao *corpus* deste artigo, incluindo a referência mais explícita (e incontornável) do romance homônimo de Kanor (2007), o húmus se apresenta em muitas obras literárias africanas, nutrido, de modos distintos e dialogáveis, a poéticas africanas de diferentes lugares – nos próprios textos literários de Glissant, contemporâneos a *Le sel noir*.

10 A necessidade de circunscrever as análises literárias deste artigo a *devires negras(os) de hoje* se contrapõe a interpretações a-históricas das literaturas africanas (e, de modo mais geral, das literaturas não-canônicas, das literaturas de nossos Outros, das literaturas do Sul do Mundo) nas quais se mostra, por vezes, uma barreira, epistemológica, quase incapacitada a compreender existências de nossos Outros – existências, aqui, compreendidas desde suas obras literárias – como existências no presente, existências agentes e transformadoras de seu lugar, median-

de digênese enquanto memória fundadora, articulada no fim-começo incessante, “um movimento que se inicia na perda, atravessa a ruptura, fragmentação e alienação e continua numa reconstrução em processo” (WALTER, 2011, p. 3). Subvertendo a ideia de uma Gênese estanque, o gesto de enraizamento operado pela digênese é flutuante, de natureza rizomática.

Construindo as bases para uma Póetica do Diverso, Édouard Glissant (2005) ressalta que o termo criouliização se emprega adequadamente à situação concreta do mundo, na qual uma totalidade-terra realizada permite que os elementos culturais mais distantes e heterogêneos uns aos outros sejam postos em Relação, produzindo resultantes imprevisíveis. Por conseguinte, Glissant propõe a distinção entre duas formas genéricas de culturas: i) culturas atávicas, fundamentadas na compreensão de identidade como raiz única, mas que ao fim e ao cabo tendem à criouliização; ii) culturas compósitas, nas quais a criouliização é perceptível, fundamentadas na compreensão de identidade rizoma, tendem ao atavismo – visto que reivindicam uma espécie de perduração enquanto processo necessário à autoafirmação<sup>11</sup>.

---

te conhecimento produzido e validado desde esse lugar. Ao longo deste artigo, assim como da trajetória acadêmica de articulistas, situar esses devires no presente (em vez da memória circunscrita no tempo passado, do *folklore*, da definição de poéticas inteiras mediante aspectos sociologizantes ou mesmo biologizantes), situar esses devires no presente, próprio a uma agência de sujeitas(os) no presente, consiste em uma escolha epistemológica, com uma consequência política a se apresentar em nosso labor científico.

11 Como indicação de textos que apontam e se servem de tais distinções, cumpriria assinalar as primeiras formulações de Zilá Bernd (1999; a esse respeito, ver também: BERND, LOPES, 1999) anteriores à tradução mes-

Considerando o atual panorama do mundo, Glissant lança os seguintes questionamentos em torno dos movimentos aparentemente contraditórios, a saber, o atavismo como necessário a uma segurança de si e a Relação enquanto abertura ao outro:

Como ser si mesmo sem fechar-se ao outro, e como abrir-se ao outro sem perder-se a si mesmo? Essa é a questão que as culturas compósitas no mundo das Américas propõem e ilustram. Onde fica o ponto de tangência entre essas culturas compósitas que tendem ao atavismo e essas culturas atávicas que começam a crioulizar-se? [...]. É necessário renunciarmos à espiritualidade, à mentalidade e ao imaginário movidos pela concepção de uma identidade raiz única que mata tudo à sua volta, para entrarmos na *difícil* complexão de uma identidade *relação*, de uma identidade que comporta uma abertura ao outro, sem perigo de diluição? [...] (GLISSANT, 2005, p. 28, grifos do autor).

Glissant ressalta a urgência em abordarmos tais questões frente às oposições mortais, sangrentas que movimentam a desordem da realidade atual. Tais questionamentos constituem um esforço inicial para estarmos em simbiose com o mundo, enfrentando os acontecimentos.

---

ma de *Introduction à une Poétique du Divers* (GLISSANT, 1996) como a conhecemos. Produzidas no âmbito do GT ANPOLL Relações Literárias Interamericanas, suas formulações contribuíram a uma circulação do pensamento de Glissant na comunidade dos Estudos Literários, no Brasil. Conforme Bernd, a crioulização recusa ideais de pureza e de mestiçagem – cujo processo assume um cálculo e admite resultados previsíveis. No quadro de produções mais recentes, destacamos os estudos de Alcione Correa Alves, sobretudo sua tese (2012), na qual apresenta a distinção em questão como constitutiva da noção de território (habitual às noções de nação e etnia que fundamentam concepções de identidade, a serem discutidas e superadas) em Glissant.

Enquanto caminho possível para sairmos do confinamento ao qual estamos enredados, que nos habilite à compreensão das fases e das implicações das situações em que se encontram os povos no mundo, Glissant advoga por uma poética da Relação, cujo corolário é um imaginário sustentado pelo *pensamento do traço*<sup>12</sup>:

Penso que será necessário nos aproximarmos do pensamento do rastro/resíduo, de um não-sistema de pensamento que não seja nem dominador, nem sistemático, nem imponente, mas talvez um não-sistema intuitivo, frágil e ambíguo de pensamento que convenha melhor à extraordinária complexidade e à extraordinária dimensão de multiplicidade do mundo no qual vivemos (GLISSANT, 2005, p. 30).

De encontro ao *pensamento de sistema* – prodigiosamente fecundo, conquistador e mortal – o imaginário nutrido pelo pensamento do traço é substancial para vivermos uma poética da Relação na atualidade.

No ensejo do proposto por Glissant, o objetivo deste artigo é discutir algumas condições a uma identidade tributária de culturas compósitas nas Américas, a partir da leitura dos romances *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves (2009) e *O crime do cais do Valongo* de Eliana Alves Cruz (2018). Os roman-

---

12 Note-se que a expressão aparece no excerto que segue como *pensamento do rastro/resíduo*. Tal tradução de *pensée de la trace*, apresentada inicialmente por Bernd, é adotada por ampla maioria da comunidade científica. Assim, cumpre assinalar que a nossa opção por *pensamento do traço* segue o proposto por Alves (2014a), no artigo “Mulheres deixam traços nas águas?”.

ces em questão, enquanto parte de um contexto mais amplo das literaturas amefricanas, amparam-se no pensamento do traço e, por conseguinte, articulam a Relação. Em lugar de pensar a cultura americana por uma senda essencialista, em conformidade com a tradição metafísica ocidental, “procura-se, a partir de Glissant, pensá-la mediante seu caráter diverso, de cruzamento, entrelaçamento das múltiplas heranças culturais possíveis às Américas para, a partir do diverso, percebermo-nos como sujeitos americanos” (ALVES, 2014b, p. 175). Nossos procedimentos para organizar o diálogo entre os romances partem da noção glissantiana de *lugar-comum*, cuja proposta busca a percepção do reencontro de escritas, enunciações ou meditações de uma mesma ideia sob formas diferenciadas, produzidas em contextos distintos e sob outras perspectivas. Para Glissant, os lugares-comuns “não são ideias preconcebidas, mas sim, literalmente, lugares onde o pensamento do mundo encontra um pensamento do mundo” (2005, p. 41).

Conforme destaca Alves, a definição glissantiana de culturas atávicas, enquanto tributárias dos princípios de Gênese e de filiação, “advoga o território como uma terra sobre a qual se obtém legitimidade não apenas política, mas, sobretudo, do imaginário, assim as narrativas fundadoras e legitimadoras permitem a uma dada cultura a equação do tipo *terra eleita = território* [...]” (2012, s.p.). De sua atribuição esquemática das culturas atávicas a um modelo identitário

européu, Glissant assinala que as culturas compósitas efetivas no considerado Novo Mundo podem assumir uma pulsão ao modelo identitário consagrado pelas culturas atávicas (ALVES, 2012).

A partir da noção de digênese, buscamos compreender as enunciações desde o porão do navio negreiro, expressadas nos romances *Um defeito de cor* e *O crime do cais do Valongo*, como integrantes do entrecruzamento de valores da totalidade-mundo. Tal percepção é distinta daquelas que tomam um certo aspecto como valor universal, cuja legitimidade reduz todos os outros – conforme o modelo identitário europeu. Note-se que o neologismo cunhado por Glissant é composto pelo acréscimo do prefixo grego *di* à palavra gênese, habilitando a destituição da univocidade atribuída as nossas origens. A gênese torna-se bifendida. Assim, tramar a digênese é reivindicar uma espécie de perduração sem, contudo, rasurar a multiplicidade do mundo e desvencilhar-se da Relação.

## 2 Perscrutando nossas origens difíceis e opacas

Paul Gilroy, em *Atlântico Negro*, assinala que “a imagem do navio – um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento – é particularmente importante por razões históricas e teóricas [...]” (2001, p. 38). Símbolo de uma experiência traumática do passado, o navio negreiro traça o mapa de uma vio-

lência imensurável, que repercute como um espectro nos pensamentos e agenciamentos em nossa atualidade. O romance escrito por Ana Maria Gonçalves confronta o silêncio do Atlântico por meio da expressão de uma enunciação desde o porão do navio negreiro, narrada pela protagonista Kehinde:

O navio tinha dois porões, e o de baixo, onde fomos colocadas era um pouco menor que o de cima, pelo qual passamos sem parar. Também não tinha qualquer entrada de luz ou de ar, a não ser a portinhola por onde descemos e que foi fechada logo em seguida à ordem para que escolhêssemos um canto e ficássemos todas juntas, pois logo trariam os outros [...]. A minha vó estava agarrada à minha mão e à de Taiwo, e mesmo tendo companhia, parecia que estávamos sozinhas, porque ao redor de cada uma de nós era só silêncio. Silêncio que mais parecia um pano escuro, grosso e sujo, que tomava todos os espaços e prendia debaixo dele o ar úmido e malcheiroso, sabendo a mar e a excrementos, a suor e a comida podre, a bicho morto (GONÇALVES, 2009, p. 45).

O trecho do romance transporta o leitor diretamente para aquele espaço, transmitindo o contexto de abandono e solidão que habitava cada uma das personagens. O silêncio contrastava com os movimentos necessários para manter a união possível entre a avó, Dúróoríike, e as duas irmãs, Kehinde e Taiwo, ameaçada pelas violências operadas no interior do navio negreiro, bem como pelo desconhecimento em relação ao destino daquela viagem. O silêncio era somado ao terror que assumia um aspecto material, presente

nos cheiros, no contato com corpos(os) desconhecidas(os) e igualmente violentadas(os) durante o embarque e a Travessia.

Em *O crime do Cais do Valongo* (CRUZ, 2018a) vemos novamente a passagem do navio negreiro desde uma perspectiva do seu interior – o porão habitado pelas(os) sujeitas(os) sequestradas(os). Eliana Alves Cruz constrói a personagem Muana Lómuè, uma das narradoras do romance, como testemunha e sobrevivente da Travessia, trazendo o olhar de orfandade em virtude das violências praticadas nos dias de movimento do tumbeiro. Durante a Travessia, Muana perde o pai, rompendo com as tradições concernentes ao ritual da morte conforme o seu povo:

Contei que depois da espera eterna, marcados a ferro, loucos, cansados, doentes ou tão tristes que mal podíamos nos mover, finalmente embarcamos. O mar é um enorme rio salgado; impossível ver a margem oposta. O mar é o maior cemitério deste mundo. Quando aquele barco já estava havia 10 ou 12 dias no meio das ondas, começou a febre, a dor no corpo todo, na barriga, e os vômitos. Quando as feridas com pus começavam a aparecer, as bexigas, o capitão não tinha dúvidas e jogava a ‘carga’ no mar para não contaminar as outras. Meu pai, Mutandi, foi arremessado longe. Como minha mãe, ninguém queria tocá-lo. Era um corpo maldito (CRUZ, 2018a, p. 138, grifo da autora).

Muana conserva esse relato por meio de registros escritos que ficaram sob os cuidados de Nuno Alcântara Moutinho, também narrador do romance. Entre

os registros dessa personagem, é possível encontrar a imagem do porão do navio negreiro – marcado pela presença da tristeza, das doenças e da morte que acompanhavam todo o trajeto, inclusive antes da entrada no túmulo. A rota do navio acabava construindo um traçado formado pela matéria humana daquelas(es) que não sobreviviam à experiência da comercialização e da desumanização de corpos(os) negros(os) sequestrados(os).

Assim como afirma Glissant (2005), a Travessia projeta para essas(es) sujeitas(os) a marca de perdas irreparáveis, inclusive de sua formação familiar e das forças possíveis para a construção de redes associativas, que aparecem apenas posteriormente na narrativa sob a ideia de amizade entre povos, línguas e culturas distintas – mas unidas pela tragédia do comércio atlântico. Se, mais tarde, Muana opta por se colocar em situação de risco ao ler os jornais como parte de suas estratégias de proteção, isso se deve às experiências passadas de aniquilamento do convívio familiar de uma forma profundamente traumática: a execução de sua mãe e a morte do pai consumido pela doença e jogado ao mar.

Em *De costa a costa*, Jaime Rodrigues (2005) dedica um capítulo para o estudo das imagens e descrições históricas dos navios negreiros. Sob as lentes da história social, o pesquisador reúne perspectivas desde diferentes lugares e ofícios – como o pintor alemão Johann Moritz Rugendas, o governador angolano

Miguel Antonio de Melo, o investigador francês Pierre Victor Mauboussin, entre outros – para analisar o navio negreiro, incluindo até mesmo as redes comerciais que envolviam sua fabricação. Com efeito, Jaime Rodrigues apresenta algumas das impressões registradas pelo inglês Robert Walsh, acerca do seu encontro, durante uma viagem pelo litoral africano, com o navio negreiro brasileiro *Veloz*:

Depois de uma longa perseguição, o negreiro apreendido foi descrito como de convés amplo, [...]. No porão, confinados pelas escotilhas gradeadas, vinham 562 escravos: O teto era tão baixo e o lugar tão apertado que eles ficavam sentados entre as pernas uns dos outros, formando fileiras tão compactas que lhes era totalmente impossível deitar ou mudar de posição, noite e dia. Mais do que tudo, impressionou-lhe o fato de que tantos homens e mulheres pudessem vir num espaço tão compacto, onde não entrava luz nem ventilação [...] (RODRIGUES, 2005, p. 133).

A despeito da importância da exploração de diferentes perspectivas acerca do navio negreiro, faz-se mister ressaltar que as enunciações desde o convés, em geral, não incorporam, dialogicamente, as subjetividades das(os) corpos(os) carregadas(os) nos porões. Como elemento dedutível do argumento exposto, apontamos o caráter parcial e lacunar da História. Tal compreensão permite o deslocamento de nossa memória histórica de um quadro do pensamento de sistema ao pensamento do traço, cujo impulso incessante de acumulação enseja a crioulização.

Para Eliana Alves Cruz (2018b), os romances históricos destacam o quanto o diálogo em torno da escravidão e do racismo ainda não foi efetivamente realizado no Brasil. Neste sentido, o conteúdo simbólico do texto literário constitui uma fonte imprescindível de conhecimento. Em sua trajetória de escrita, a autora se dedica, inicialmente, aos romances históricos, nos quais explora o contexto Oitocentista e o tema da escravização negra no Brasil – inclusive trazendo a cronologia de sua própria família: *Água de barrela* (2016) é iniciado por elementos pré-textuais que sinalizam a confluência entre realidade e ficção, com as fotografias da família na representação dos personagens que, poucas páginas adiante, são conhecidas pelo leitor em forma textual. *O crime do cais do Valongo* (2018a) é permeado por matérias veiculadas em jornais cariocas para dar corpo ao tecido narrativo que ficcionaliza fatos históricos e contextos cotidianos de um Brasil pré-abolição. No seu último romance publicado, *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), o leitor é igualmente conduzido a refletir a respeito do passado nacional a partir de documentos ordenatórios, como trechos das *Ordenações Filipinas* e o *Dicionário dos inquisidores*.

Os enredos de *Um defeito de cor* e de *O crime do cais do Valongo* recompõem a origem outrora obliterada ao passo que expõem as presumíveis condições de interdição do retorno à cena primária, cumprindo assim o propósito de apresentar uma *visão profética*

*do passado*. Conforme Glissant, “o passado não deve ser recomposto de maneira objetiva (ou mesmo subjetiva) pelo historiador. Deve também ser sonhado de maneira profética, para as pessoas, comunidades e culturas cujo passado, justamente, foi ocultado” (2005, p. 102-103). Nesse sentido, Eurídice Figueiredo (2020) – reunindo análises sobre as escritas de Maria Firmina dos Reis<sup>13</sup>, Ana Maria Gonçalves e Eliana Alves Cruz – afirma que a literatura reaproveita elementos minúsculos do passado e incorpora experiências coletivas para elaborar uma montagem possível da história. Figueiredo destaca que através de suas personagens, Eliana Alves Cruz e Ana Maria Gonçalves desenterram uma memória recalcada, com efeito, “é escrever para relembrar, mas também para curar dos traumas que ainda afetam a sociedade nos dias de hoje” (2020, p. 169).

O esforço demonstrado pelas autoras em *construir-sonhar o passado* pode ser averiguado através da observação de perceptíveis semelhanças entre a Travessia narrada nos textos ficcionais e no descrito por Mahommah Gardo Baquaqua (1824?- 1857?). Publicada originalmente em 1854, na cidade norte-americana Detroit, a narrativa de Baquaqua é particularmente importante por tratar-se da única obra, até o momento conhecida, com o relato autobiográfico de um homem que viveu a experiência execrável da

<sup>13</sup> Para uma análise centrada na produção antiescravista de Maria Firmina dos Reis, abordando três movimentos, a saber, i) Travessia atlântica, ii) maternidade escrava e iii) violência contra sujeitos escravizados, conferir: CARVALHO (2018).

## Diáspora africana para o Brasil, fornecendo reminiscências da Travessia:

Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de lado e as mulheres do outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. Ficamos desesperados com o sofrimento e a fadiga (BAQUAQUA, 1988, p. 272).

Baquaqua ressalta que a repugnância e a imundície do porão do navio negreiro tornaram-se memórias traumáticas indelévels. Além da alimentação precária, restrita a milho velho cozido, a água fornecida era insuficiente para atender as necessidades dos escravizados: “houve um pobre companheiro que ficou tão desesperado pela sede que tentou apanhar a faca do homem que nos trazia água. Foi levado ao convés e eu nunca mais soube o que lhe aconteceu” (BAQUAQUA, 1988, p. 272). Fora os castigos físicos para punir qualquer comportamento considerado rebelde, Baquaqua afirma que muitos escravizados morreram durante a Travessia. Conforme suas palavras, “alguns foram jogados ao mar antes que o último suspiro exalasse de seus corpos; quando supunham que alguém não iria sobreviver, era assim que se livravam dele” (BAQUAQUA, 1988, p. 273).

Observamos que o relato de Baquaqua e a reconstrução ficcional da Travessia nos romances *Um de-*

*feito de cor* e *O crime do Cais do Valongo* não apenas destacam o quanto a Travessia foi hedionda, mas nos revelam as percepções provenientes de corpos(os) que passaram por esse deslocamento na condição de migrantes nusas/nus. Mbembe (2019) nos lembra que mesmo a(o) corpa(o) na condição de farrapo humano sobeja a palavra – último sopro de sua humanidade devastada. Ao incluir no quadro de produções discursivas que abordam o navio negreiro uma perspectiva enunciada desde o seu ventre, esses textos ampliam os espaços discursivos. Pois, ainda que os romances performem uma perspectiva ficcionalizada, consideramos que as obras se somam aos relatos históricos para potencializar forças agenciadoras que desafiam a estrutura monológica do poder hegemônico.

Como no relato de Baquaqua, também os romances desvelam a face perversa e sombria da Modernidade, permitindo inferir que para o poder soberano as execuções das(os) migrantes nusas/nus eram compreendidas como forma de assepsia do negreiro. Durante a Travessia, repugnantemente, era válido matar o rebelado para prevenir o alastramento de comportamentos ameaçadores, e também as pessoas enfermas, para evitar o contágio de doenças e poupar as provisões do navio. De modo análogo, a narrativa *Um defeito de cor* expõe a soberania exercendo de forma coextensiva o direito de matar:

Escolheram alguns homens fortes e fizeram com que eles tirassem dali mais de dez pessoas, todas muito doentes, que depois soubemos terem sido jogadas ao mar. Os homens que tinham ajudado a carregar os doentes para fora do porão não queriam contar nada, pois tinham sido avisados de que seriam punidos se contassem. Mas um deles não se amedrontou e, em um tom de voz bastante baixo, contou o que foi repassado de ouvido em ouvido, quase um sussurro, como se o ar abafado pudesse grudar nas palavras e carregá-las para fora do porão até os ouvidos dos homens que eram capazes de jogar pessoas vivas ao mar, para alimentar os peixes (GONÇALVES, 2009, p. 53).

Considerando o contexto de edificação da Modernidade, entendemos o porão do navio negreiro como um lócus de concepção da necropolítica e, por conseguinte, o sistema moderno capitalista-mundial como corolário do terror racial. Em *Necropolítica* (2020), Mbembe afirma que “qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras manifestações da experimentação biopolítica” (2011, p. 27). Por conseguinte, Mbembe considera que a condição da pessoa escravizada é decorrente de uma perda em três níveis: “perda de um *lar*, perda dos direitos sobre o seu corpo e perda de estatuto político” (2020, p. 27, grifo do autor). Essa perda, que atinge várias dimensões, corresponde ao esforço por uma dominação que se pretende absoluta e que intenta converter a vida da pessoa escravizada em uma *morte-em-vida* (MBEMBE, 2020).

Muitas(os), em reação aos efeitos da morte-em-vida, buscavam a morte física voluntariamente, seja de forma ativa, pela ação do suicídio; seja de forma passiva, ao deixar-semorrer de desânimo e tristeza, como no banzo (ODA, 2007), tal como narrado por Kehinde:

Alguns dias depois do suicídio dos três homens, morreu uma das mulheres. De onde eu estava não foi possível vê-la, mas sabia quem era. Ela tinha marido no navio e os dois ficavam sempre juntos no barracão. O marido chorou e se lamentou em voz alta, querendo saber o que tinha acontecido. Mas nós, as mulheres que estávamos mais perto, não soubemos dizer. Ela apenas tinha fechado os olhos e morrido, sem que ninguém percebesse (GONÇALVES, 2009, p. 52).

É oportuno mencionar que no romance *Um defeito de cor* a narradora Kehinde refere-se ao navio negreiro como *tumbeiro*, conforme podemos observar no excerto que segue: “a Tanisha descobriu que se nos deitássemos de bruços e empurrássemos o corpo um pouco para a frente, poderíamos respirar o cheiro da madeira do casco do tumbeiro” (GONÇALVES, 2009, p. 48). A palavra *tumbeiro*, usualmente utilizada na literaturasobre a escravidão, é oriunda do substantivo *tumba* e foi cunhada em decorrência dos elevados índices de morte das pessoas escravizadas durante a Travessia. Dados de estudos recentes<sup>14</sup> estimam que, entre os séculos XVI e XIX, 5.848.266 pessoas africa-

---

<sup>14</sup> Ver estatísticas apresentadas no sítio *The Trans-Atlantic Slave Trade Database*. Cumpre ressaltar que esses dados variam conforme a fonte consultada.

nas, na condição de escravizadas, foram desembarcadas para o Brasil, sendo que 5.099.816 chegaram ao lugar de destino.

De forma correlata, em *O crime do cais do Valongo* a personagem Muana lança os seguintes questionamentos ao seu interlocutor: “Quem chega a este lugar por um tumbeiro, senhor Toole, passa a ocupar o pior lugar neste mundo, mas ocupa. Onde ficam os que não são mais de onde vieram e não chegaram a existir aqui? Seria isto o que o padre e o livro de vocês chamam de limbo?” (CRUZ, 2018a, p. 142). Além de utilizar o termo tumbeiro, a personagem aponta as consequências de chegar nas margens de cá do Atlântico sendo transportada(o) nele. Por conseguinte, vemos uma indagação sobre o destino daqueles que não sobreviveram à Travessia, conjecturando a possibilidade de que o limbo – que em sentido figurado designa um lugar de destino das coisas sem qualquer valor e relegadas ao esquecimento – seria o termo adequado, considerando-se a perspectiva político-cristã.

O questionamento de Muana também reforça a compreensão da arte como um lugar de renascimento: a arte “está ligada à morte, à vida, ao existir e ao não existir, ao nascimento, aos nossos povos, nossas comunidades, nossa história e a outras histórias que se entrecruzam com a nossa” (BARR, 2017, p. 22). Ora, se as(os) corpos(os) de pessoas escravizadas foram entregues ao mar e destinadas(os) ao esquecimento, é a literatura que traz de volta as suas vidas, assumin-

do a função de preservar saberes ancestrais, reconstruir o passado e potencializar devires negras(os).

Se a vida era progressivamente negada, era preciso considerar todas as associações que vertiam uma possibilidade de existência da subjetividade entre as(os) escravizadas(os), mesmo no porão do navio. Em *O crime do Cais do Valongo*, Muana encontra refúgio na amizade com Nîèti, após a morte do seu pai:

Paramos em outros portos antes de partir de vez para este lado do grande rio salgado. Não sei como era em outros navios, mas o Feliz Dia mantinha as mulheres e crianças no convés e os homens embaixo. Quando embarcaram outras mulheres em outros portos, conheci uma moça muito altiva. Tinha um porte nobre, tentava se manter distante ao máximo e despertava minha curiosidade mais que todas as outras. Naquele dia, um marujo deu a mim e a algumas outras as enormes bacias para distribuir a comida. Foi a chance para me aproximar. Apontei o dedo para o meu próprio peito e disse: Muana. Ela pegou aquela papa grossa e nada disse. Nos dias que vieram eu sempre tentava o mesmo. Até que na quarta ou quinta vez ela timidamente disse: Nîèti. Ali nasceu uma amizade (CRUZ, 2018a, p. 139).

As duas mulheres foram companheiras na Travessia e na compreensão do destino que aguardava a ambas ao chegarem no Brasil. Ainda durante o período em que estiveram no mar, puderam compartilhar suas crenças e histórias: Nîèti era sacerdotisa, uma vodunsi de Sakpatá, o que legou à Muana conhecimentos em torno da presença das doenças no navio

negreiro. A partir dos saberes de Nìèti, vislumbra-se o modo como as negociações eram realizadas, considerando as relações de poder dentro de um povo – Nìèti pertencia ao culto fon do Daomé e as divindades sobre as quais professava a sua crença desafiavam o poder real, sua família poderia ser considerada uma ameaça.

Muana e Nìèti atravessaram o oceano amparadas pela amizade, como também refletem o apelo ao sagrado que permeia toda a narrativa. Muana tinha na deusa Nipele a proteção e a ligação com a ancestralidade; Nìèti transmitia um conhecimento além da própria experiência, sendo também uma guia para Muana durante e após a Travessia. Como em *Um defeito de cor*, também no romance de Eliana Alves Cruz vemos os efeitos da morte-em-vida, quando Nìèti percebe, já próximo do destino da viagem, “que a terra está chamando por ela e por outros que ali estavam” (CRUZ, 2018a, p. 142), deixando para a Muana a mensagem de que “seria uma Travessia longa, mas que [Muana] encontraria uma forma de resolver o que [a] afligia”. A Travessia, nesse sentido, não se limitava ao trajeto entre os continentes africano e americano, era, antes, um *continuum* das experiências e violências iniciadas ainda antes do embarque, uma fratura constante que acompanha Muana também no Brasil, inclusive quando decide escrever as suas memórias.

A despeito das violências físicas e epistemológicas praticadas pelas políticas coloniais europeias, os tra-

ços culturais dos povos da Diáspora negra perduram e se unem a uma nova durabilidade do mundo. Conforme Glissant, em *Poética da Relação* (2011), as(os) corpos(os) que “passaram diretamente do ventre do navio negreiro para o ventre violeta dos fundos do mar”, (2011, p. 19) vivificaram-se no contínuo-descontínuo mnemônico, convertendo-se em lodo à fecundação das (trans)formações dos povos que vão se constituindo mediante a Relação desbravada pela experiência da dolorosa Travessia. Avaliando o pensamento glissantiano, Mbembe observa:

Édouard Glissant não falava do limo como se fosse um simples refugio da matéria – uma substância ou elementos aparentemente mortos, uma parte aparentemente perdida, detritos arrancados de sua fonte e levados pelas águas. Ele via o limo como um resíduo depositado nas margens dos rios, no meio dos arquipélagos, no fundo dos oceanos, ao longo dos vales e ao pé das falésias – por outro lado e, sobretudo, nos lugares áridos e desérticos onde, numa inesperada inversão, do estrume emergem formas inéditas de vida, do trabalho e da linguagem (MBEMBE, 2019, p. 311-312).

O limo [húmus], para Glissant, compreende a possibilidade de a vida brotar desde o lugar de onde a morte a suprimiu, nos conduzindo à renovação, ao contínuo. Tal processo nos provoca a renunciar ao absoluto do Ser em favor do *ser em-*, e celebrar a Relação entre todos os seres humanos e entre esses e os demais seres da nossa biota. Pois “nesse sistema de trocas, de reciprocidade e de mutualidade, humanos

e não humanos eram o limo uns dos outros” (MBEMBE, 2019, p. 311).

As literaturas de Ana Maria Gonçalves e Eliana Alves Cruz são férteis ao apresentarem não somente os limites das margens do Atlântico, mas o modo como elas se alargam e possibilitam a construção de vidas e memórias que a História não abriga, funcionando como um “*Abèbè*, espelho ancestral onde podemos nos mirar para nos (re)elaborarmos sempre que necessário” (CORDEIRO, 2020, posição 2717). Essa escrita concebe o texto literário como episteme – lugar de conhecimento, insubordinação, libertação e produção de sentidos –, por meio dela os silêncios são suprimidos e emerge a necessidade de narrar, exercício fundamental para que seja possível seguir adiante.

## Considerações finais

Diante do exposto, destacamos que pensar nas condições de possibilidade a uma identidade cultural que represente nossa coletividade, satisfazendo uma sensação de pertença a um grupo em comum – sem, contudo, sublimar nosso Diverso – significa revisitar os termos e mecanismos que fundamentam os processos de sua elaboração. Tal esforço atravessa, portanto, a perquisição daquilo que foi obliterado ou suprimido de nosso imaginário em função da violência empreendida por meio das políticas coloniais euro-

peias. Nesse sentido, com intuito de trazer à luz uma alternativa ao absoluto ontológico professado pelo mito fundador, no seu ensejo de sublimar a genealogia dos povos colonizados, argumentamos quanto à possibilidade de compreendermos *Um defeito de cor* e *O crime do cais do Valongo* como digêneses.

Pensando os romances analisados como parte de um quadro mais amplo das literaturas amefricanas, ressaltamos uma abordagem recorrente quanto à reconstituição de histórias mediante a acumulação dos traços mnemônicos disponíveis às escritoras (sejam individuais ou coletivos), constituindo uma nova dimensão de pensamento que contesta a falsa universalidade dos pensamentos de sistema (ALVES 2015). Dessa forma, podemos compreender que o exercício criativo observável nas literaturas amefricanas está pautado em uma forma de cura ancestral. Essa produção literária que sonda nossas digêneses traz no seu bojo insurgências políticas e epistêmicas que apontam novas condições de possibilidade a uma identidade cultural latino-americana, ou melhor, utilizando os termos de Lélia Gonzalez (2018), ladino-amefricana, de modo a expressar nosso Diverso de povos e culturas.

Compreendidas como digêneses, as leituras dos romances *Um defeito de cor* e *O crime do cais do Valongo* potencializam a superação da ideia de identidade cultural haurida de uma Gênese única e pretensamente homogeneizada. Tais obras literárias recitam

lugares-comuns, nos permitindo compreender as conjunções de digêneses explodidas que, conforme Glissant, são “[...] tão relativas e diversas quanto as antigas Gêneses solitárias foram absolutas e exclusivas” (2014, p. 223). Por conseguinte, consideramos as escritoras Ana Maria Gonçalves e Eliana Alves Cruz como sujeitas em-escrevivência que criam espaços dialógicos e imprimem imagens de corpos(os) e subjetividades que vão além daquelas formas produzidas por meio das perspectivas monológicas e, até mesmo, além da anulação das pessoas provenientes da Diáspora negra e seus descendentes como participantes fundamentais dos processos de narrativização da nação. Em meio à disputa dos símbolos e sentidos em função da pulsão ao modelo identitário europeu, compreendemos que as literaturas amefricanas produzidas por mulheres, cujas narrativas estão assentadas no universo de experiências da Diáspora, ensejam uma abertura para pensarmos a coexistência de perspectivas sobre como situamos as nossas origens e nos percebemos enquanto coletividade.

## Referências

ALVES, Alcione Correa. Violência epistêmica e enunciação de sujeitas negras em uma interpretação de Nancy Morejón. *Revista Língua & Literatura*. v. 19, n. 33, p. 165-191, jan./jun. 2017.

ALVES, Alcione Correa. Mulheres deixam traços nas águas? *Revista Organon*. Porto Alegre, v. 29, n. 57, p. 77-98, jul/dez. 2014a.

ALVES, Alcione Correa. Teseu o labirinto e seu nome: Ser e processo em Édouard Glissant. In: ALVES, Alcione Correa; BEZERRA, Rosilda Alves; SOUZA, Elio Ferreira de; WALTER, Roland (Orgs.). *Entre centros e margens: literaturas afro-descendentes da diáspora*. Curitiba: CRV, 2014b.

ALVES, Alcione Correa. *'Mon nom, je l'habite tout entier': littérature-monde en français e seus lugares de enunciação*. 2012. 208 f. Tese (Doutorado em Literatura Francesa e Francófonas) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/54085>. Acesso em: ago. 2021.

BAQUAQUA, Mahommah Gardo. Biografia de Mahommah G. Baquaqua. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 08, n. 16, mar./ago. 1988, p. 269-284. (Apresentação de Silvia Hunold Lara, tradução de Sonia Nussenzweig).

BARR, Shirley Campbell. Letras e vozes da diáspora negra. In: PINTO, Ana Flávia Magalhães; DECHEN, Chaia; FERNANDES, Jaqueline (Orgs.). *Griôs da diáspora negra*. Brasília: Griô, 2017.

BERND, Zilá. Identidades compósitas: Escrituras híbridas. *Matraga*, Rio de Janeiro, n. 12, 1999.

BERND, Zilá; LOPES, Cícero Galeno (Orgs.). *Identidades e estéticas compósitas*. Canoas: Editora La Salle/PPG-Letras/UFRGS, 1999.

BISPO, Ella Ferreira. *Processos de criouliização no romance Um defeito de cor*: as condições de possibilidade a uma

identidade cultural latino-americana. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/1143>. Acesso em: ago. 2021.

CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravidão na obra de Maria Firmina dos Reis*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/1142>. Acesso em: ago. 2021.

CORTES, Cristiane. Na rota do Atlântico: Kehinde e o movimento pendular das identidades diaspóricas. In: MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; OLIVEIRA, Maria Aparecida Cruz de (Orgs.). *Ana Maria Gonçalves: cartografia crítica*. Brasília: Edições Carolina, 2020. (E-book).

CORDEIRO, Hildalia Fernandes Cunha. Memória das águas performando o passado: sal de cura e cicatrização. In: MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; OLIVEIRA, Maria Aparecida Cruz de (Orgs.). *Ana Maria Gonçalves: cartografia crítica*. Brasília: Edições Carolina, 2020. (E-book).

CRUZ, Eliana Alves. *Nada digo de ti, que em ti não veja*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

CRUZ, Eliana Alves. *O crime do Cais do Valongo*. Rio de Janeiro: Malê, 2018a.

CRUZ, Eliana Alves. *Romance histórico-policia | Programa Completo*. Canal da TV Brasil no Youtube, 2018b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ng-GVEjIXc>. Acesso em: set. 2020.

CRUZ, Eliana Alves. *Água de Barrela*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FIGUEIREDO, Eurídice. História da escravidão e da resistência dos negros: Maria Firmina dos Reis, Ana Maria Gonçalves e Eliana Alves Cruz. In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, Rio de Janeiro: UCAM, 2001.

- GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor*. La cohée du lamentein. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Trad. Manuela Mendonça. Lisboa: Porto, 2011.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GLISSANT, Édouard. *Traité du Tout-Monde*. Paris: Gallimard, 1997.
- GLISSANT, Édouard. *Le sel noir*. Paris: Gallimard, 1983.
- GLISSANT, Édouard. *Fastos y otros poemas*. Selección y traducción del francés de Nancy Morejón. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2002 (Colección Pasamamos).
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: GONZÁLEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*: Lélia González em primeira pessoa... Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.
- KANOR, Fabienne. *Humus*. Paris: Gallimard, 2007 (Continents noirs).
- LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo, n-1 edições: 2018.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Trad. Renata Santini. São Paulo, n-1 edições: 2020.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. O banzo e outros males: o páthos dos negros escravos na Memória de Oliveira Mendes. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano X, n. 2, p. 346-361, jun. 2007.
- RODRIGUES, Jaime. *Navios negreiros*: imagens e descrições. In: RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa*: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao

Rio de Janeiro (1780-1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Livia Maria Natália de. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna. *Revista Crioula*, 21, p. 25-43, 2018.

THE TRANS-ATLANTIC SLAVE TRADE DATABASE. Análise do tráfico de *escravos* – estimativas. [website]. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/>. Acesso em: ago. 2021.

WALTER, Roland. Édouard Glissant: in memoriam. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABECAN: 20 ANOS DE INTERFACES BRASIL-CANADÁ, XI. Anais... Salvador: UFBA, 2011.